Dia 23 — Santo Apolinário, bispo e mártir

Reconhece-se Santo Apolinário como o apóstolo e o primeiro bispo de Ravena; pelo menos não se conhece outro mais antigo que ele. Foi discípulo do Salvador e, depois de sua gloriosa ascensão, acompanhou São Pedro a Antioquia, onde trabalhou sob sua direção com tanto zelo e tanta felicidade na propagação da fé que, quando o santo apóstolo deixou a cátedra de Antioquia para estabelecê-la em Roma, levou-o consigo à Itália, conhecendo sua virtude e seu zelo pela religião. Logo que chegaram à Itália, bem informado Pedro do que a divina Providência dispunha de seu amado companheiro, sagrou-o bispo e enviou-o a Ravena.

Recebeu sua missão com extraordinário gozo, pelo ardente desejo que tinha de derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo; e, com a esperança de encontrar logo a coroa do martírio num povo furiosamente aferrado ao culto dos deuses e a todas as superstições do paganismo, partiu imediatamente para seu destino. Estava já às portas da cidade quando um menino, cego de nascimento, agarrando-o às apalpadelas pela roupa, pediu-lhe uma esmola. Compadecido o santo do triste estado daquele menino, deu-lha muito vantajosa, porque, fazendo-lhe sobre os olhos o sinal da cruz, deu-lhe no ponto a vista. Ao ver esta maravilha, rodeou-o logo uma multidão de gente; e, aproveitando-se o santo da boa disposição em que estavam os ânimos à vista do milagre, falou-lhes pouco mais ou menos nos mesmos termos em que São Pedro havia falado aos judeus depois de ter curado milagrosamente o coxo que pedia esmola à porta do templo.

«Amigos — disse-lhes —, por que vos admirais do que acabo de fazer com este menino, ou a que fim me olhais como se o tivesse feito por minha autoridade ou por minha virtude? Se dei a vista a este cego, foi em nome do verdadeiro Deus que vos venho anunciar; e não há que esperar salvação nem vida eterna senão abraçando sua religião.» Tardou pouco em recolher os primeiros frutos de seu apostolado: o menino e seu pai, que era soldado e se chamava Ireneu, com toda a sua família, converteram-se logo a Jesus Cristo; e, estendida por toda a cidade a fama do milagre, todos se davam pressa por ver e conhecer o homem prodigioso que o havia obrado.

Chegando a notícia a um oficial que mandava um corpo de tropas com o grau e título de tribuno militar, suplicou ao santo que passasse a sua casa a visitar sua mulher, que estava morrendo depois de muitos anos de uma penosa enfermidade. Entrou Apolinário no quarto da enferma e, encontrando-a a ponto de expirar, fez oração a Deus e depois o sinal da cruz sobre a enferma, em presença de seu marido e de toda a família, mandando-lhe que se levantasse em nome de Jesus Cristo. No ponto recobrou todas as suas forças a prostrada moribunda e, gritando ela mesma a primeira: «Milagre, milagre!», levanta-se, ergue-se, arroja-se aos pés do santo com seu marido e com toda a sua família; confessam todos que não há outro verdadeiro Deus senão o Deus dos cristãos, e todos pedem o batismo.

A tão ditosos princípios seguiu-se uma muito abundante messe. O tribuno convertido à fé de Jesus Cristo deu ao santo uma das casas que tinha em Ravena, a qual foi como o berço daquela terna e recém-nascida igreja. Cresceu tanto em pouco tempo o número dos fiéis que Apolinário se viu obrigado a formar como uma espécie de clero, escolhendo alguns discípulos para que o ajudassem nas sagradas funções de seu ministério. Celebravam-se os divinos mistérios com respeito e com veneração; cantavam-se os louvores do Senhor com devoção e com piedade, e o zeloso pastor distribuía ao povo o pão da palavra de Deus. Embora estes exercícios de religião se fizessem de noite e em segredo, como se costumava naqueles tempos de perseguições, não puderam fazer-se tão ocultamente que os pagãos não chegassem a sabê-lo. Sobretudo os sacerdotes dos ídolos, vendo diminuídos seus emolumentos e o culto dos deuses desde que Apolinário estava na cidade, enfureceram os ânimos contra ele e o acusaram diante de Saturnino, governador de Ravena, como cabeça muito principal dos cristãos. Chamou-o o governador e a princípio tratou-o com muita urbanidade, tendo presente que era respeitado como homem milagroso; mas queixou-se-lhe da grave injúria que fazia ao grande Júpiter, havendo já doze anos que não cessava de dogmatizar na cidade. Respondeu o santo com muito respeito que não conhecia tal Júpiter, nem muito menos podia compreender que se fizesse agravo ao público em intentar tirá-lo da impiedade e das trevas da idolatria. «Pois se não o conheces — replicou o governador —, eu to darei a conhecer; vamos juntos ao templo.» Ficou atônito o santo quando viu a multidão de vasos de ouro e de preciosos ornamentos que não tanto adornavam quanto oprimiam o sacrílego altar do ídolo; e, enternecido até derramar muitas lágrimas à vista das imensas riquezas que se sacrificavam ao demônio: «É possível — exclamou — que homens de razão se despojem, se consumam e se empobreçam por enriquecer um ídolo vão, que não vale o que tem às costas? Que poder tem vosso Júpiter? Quem fez deus a um homem que, segundo vossas mesmas fábulas, foi o mais facinoroso de todos os mortais?» Não foi preciso mais para que todo o povo se alvoroçasse e se armasse contra ele. Abandonou-o o governador a sua discrição; moeram-no a pauladas e a pedradas e, considerando-o já morto, arrastaram-no para fora da cidade. Acudiram os cristãos e, tendo-o achado junto à orla do mar ainda com vida, ocultaram-no numa casa, que depois se converteu em igreja.

Recobrado dos golpes e inteiramente curado das feridas, havia seis meses que trabalhava sem cessar na vinha do Senhor, com mais fruto que nunca, quando certo cavaleiro, chamado Bonifácio, que muitos anos antes havia ficado mudo por um acidente, sem ter podido recobrar o uso da língua por mais remédios que lhe aplicaram, sabendo que ainda vivia o santo, enviou-lhe sua mulher para que lhe suplicasse que fosse vê-lo em sua casa. Passou a ela o santo e, logo que entrou, invocando o nome de Jesus Cristo, livrou uma criada que estava possessa do demônio. A este primeiro milagre seguiu-se o segundo. Apenas se lançou Bonifácio aos pés de Apolinário, recobrou o uso da língua; e, à vista dos dois prodígios, toda a família se converteu à fé de Jesus Cristo, seguindo-se a esta pronta conversão a de mais de quinhentas pessoas.

Tantos feitos milagrosos haviam de sobressaltar de novo os gentios. Reviveu seu ódio contra o santo bispo e, lançando mão dele depois de muitos maus-tratos, pela segunda vez o lançaram fora da cidade. Retirou-se a uma caverna, onde não cessava de fortalecer e de instruir os cristãos que o iam buscar. Fez ali muitas conversões e, quando já tinha os neófitos bem catequizados, levava-os à orla do mar e administrava-lhes o santo batismo. Como não via aparência de que pudesse voltar a entrar em sua igreja tão cedo, e por outra parte se achava como encarcerado seu fervoroso zelo, passou à província de Emília e percorreu outros muitos países anunciando o Evangelho com

incrível gozo.

Mas o rebanho não podia levar com paciência tão longa ausência de seu amado pastor; obrigaram-no os cristãos de Ravena a que voltasse a sua igreja, onde foi recebido com tantas demonstrações de gozo que muito em breve lhe fizeram esquecer todas as fadigas passadas. Teve notícia de sua chegada um patrício antigo chamado Rufo e no ponto lhe enviou um recado, suplicando-lhe que fosse ver uma filha sua que estava gravemente enferma. Apenas entrou o santo na casa, a enferma expirou. Era idólatra Rufo e, julgando ser efeito aquela desgraça da cólera de seus deuses, enfureceu-se contra Apolinário; mas o santo, sem alterar-se, respondeu-lhe: «Dais-me palavra, senhor, de que, se Jesus Cristo vos restitui vossa filha, não lhe estorvareis que reconheça e siga seu Salvador?» «Eu te juro — respondeu o aflito pai — que, se teu Deus ressuscita minha filha, ela, eu e toda a minha casa não reconheceremos outro Deus que a ele.» Fez oração Apolinário, aproximou-se da defunta e, levantando a voz, disse: «Filha minha, levanta-te em nome de Jesus Cristo e dá graças a teu benfeitor.» No mesmo instante levantou-se a donzela, dizendo aos gritos: «O Deus de Apolinário é o único Deus verdadeiro.» Ressoavam por toda a casa as vozes de alegria, e receberam o batismo mais de trezentas pessoas. Rufo foi depois um cristão muito fervoroso, e sua filha, exemplo das donzelas cristãs.

Necessariamente haviam de meter muito ruído tantas e tão portentosas maravilhas. Chegaram à notícia do imperador. Pintaram-lhe Apolinário como um formidável feiticeiro que, por virtude de seus encantamentos, ressuscitava mortos e era o mais temível inimigo dos deuses do império. Deu comissão a um de seus oficiais, chamado Messalino, para que recebesse informação dos feitos de Apolinário e, se recusasse sacrificar aos deuses, sem dilação o lançasse de Ravena, enviando-o a algum desterro. Executou-se a ordem com maior rigor do que ela expressava. Irritou-se o brutal juiz à vista da constância e da eloquência com que o santo bispo defendeu a causa de Jesus Cristo. Mandou primeiro aplicar-lhe uma cruel tortura; fez depois que lhe despedaçassem a açoites seu santo corpo e ordenou que escaldassem as feridas com água fervente. Reparando o tirano que em meio daqueles suplícios não cessava Apolinário de cantar louvores a Deus, mandou que lhe moessem com pedras as mandíbulas; e, tendo-o mantido encerrado por algum tempo num lôbrego e fedorento calabouço, com o fim de que perecesse de fome, vendo que não o podia conseguir, enviou-o desterrado à Grécia.

Logo que o navio se fez à vela e saiu do porto, padeceu naufrágio, perecendo toda a tripulação, sem salvar-se mais que o santo, três eclesiásticos que o seguiam e três soldados que se haviam feito cristãos. Não esteve ocioso o santo bispo em seu desterro; percorreu muitas províncias, fazendo em todas as partes novas conquistas para Jesus Cristo e padecendo em todas uma espécie de martírio. Achando-se numa cidade onde era adorado o ídolo de Serápis, emudeceram os demônios. Admirou-se o povo e entendeu que a presença de Apolinário, discípulo de Jesus Cristo, tinha mudos todos os oráculos. Buscaram o homem milagroso e, depois de muito maltratado, meteram-no numa embarcação que se fazia à vela para a Itália. Pela terceira vez o conduziu a sua igreja a divina Providência, e nela celebrou os divinos mistérios com indizível gozo dos cristãos; mas não durou muito a calma: surpreendeu-o em certa ocasião uma tropa de pagãos, ao mesmo tempo que estava no altar celebrando o santo sacrifício; e, depois de tê-lo moído a golpes, levaram-no arrastando pelas ruas até a casa de um oficial principal chamado Touro. Folgou muito este de ver em sua casa o homem de quem se contavam tantas maravilhas: chamou a ela seus

principais amigos, querendo provar em presença de todos a virtude de fazer milagres que lhe atribuíam.

Tinha Touro um filho muito pequeno que havia nascido cego e disse a Apolinário: «Se deres vista a este menino, crerei no Deus dos cristãos e te prometo que o mesmo fará toda a minha família.» Não deliberou um ponto o santo; mandou que lhe aproximassem o menino; fez sobre ele o sinal da cruz e disse-lhe: «Filho meu, em nome de Jesus Cristo abre os olhos e vê.» Imediatamente os abriu o menino, ficando como atônito e suspenso por algum tempo com a admiração dos objetos que nunca havia visto, e depois exclamou cheio de gozo: «Oh, e quantas coisas vejo!» Este pronto e estupendo prodígio ganhou muitas almas para Jesus Cristo; mas não foi bastante para converter os sacerdotes dos ídolos. Querendo Touro livrar Apolinário de suas mãos, enviou-o a uma de suas casas de campo, distante algumas milhas da cidade. Quatro anos esteve o santo nela fazendo muitas conversões, com grandes serviços aos cristãos e exercendo com toda a liberdade as funções de seu ministério; mas, tendo sido também então descoberto, os sacerdotes dos ídolos, raivosos de ver desertos seus templos, fizeram tantas instâncias ao imperador que por fim obtiveram um decreto para que, assim o santo bispo como todos os cristãos, fossem desterrados do território de Ravena. Sem dúvida o imperador o tratava com tanta brandura em atenção aos prodígios que obrava continuamente. Foi enfim preso Apolinário; e, quando já o levavam ao porto, os cristãos que podiam mais arrancaram-no à força aos gentios; mas, apanhado outra vez por estes ao mesmo tempo que ia entrar na cidade, deram-lhe tantos golpes que o deixaram por morto. Acharam-no ainda os cristãos com vida e retiraram-no a uma casa imediata, onde, exortando continuamente os fiéis a serem constantes na fé apesar das perseguições, expirou sete dias depois entre as mãos de seus queridos filhos, que ficaram inconsoláveis com a perda de tão amoroso pai. Sucedeu sua preciosa morte no dia 23 de julho do ano de 81, no império de Vespasiano . Sacrificou-se o santo, diz São Pedro Damião, como uma hóstia viva ao Senhor no prolongado martírio de vinte e nove anos que durou seu pontificado, sendo célebre na Igreja por seu zelo, por sua santidade, por seus trabalhos e por seus milagres. Por uma inscrição muito antiga, que ainda se lê hoje na igreja de Classe, a cinco quartos de légua de Ravena, se sabe que esteve naquele sítio o santo corpo dentro de um sepulcro de mármore branco, o qual se conserva ainda; e na mesma se diz que se conservou ali até o oitavo ano do consulado de Basílio, que foi o de 344 , em que Maximiano, bispo de Ravena, o fez trasladar no dia 9 de junho a outro lugar mais retirado da mesma igreja, que é uma gruta debaixo do altar-mor, onde hoje em dia se vê o sepulcro de mármore de nosso santo. Sempre lhe têm professado os povos grande devoção, a qual cada dia vai em aumento pelos grandes benefícios que consegue sua intercessão a todos os que o invocam.

Martirológio Romano

A festa de Santo Apolinário, bispo, que, ordenado em Roma pelo apóstolo São Pedro e enviado a Ravena, padeceu pela fé de Jesus Cristo muitos e diversos tormentos. Mais tarde pregou o Evangelho na Emília, onde converteu muitos idólatras. Por último, voltando a Ravena, consumou ali seu glorioso martírio sob o imperador Vespasiano.

Em Roma, São Rúfilo , mártir.

No mesmo lugar, o suplício de Santa Primitiva, virgem, de São Apolônio e de São Eugênio, mártires.

No mesmo dia, São Trófimo e São Teófilo, mártires, que alcançaram sua recompensa no tempo do imperador Diocleciano, depois de terem sido apedrejados, lançados ao fogo e por último passados a cutelo.

Na Bulgária, muitos mártires, a quem o imperador ímpio Nicanor fez morrer de diferentes modos: a uns com a espada, a outros com a corda e a alguns traspassados com flechas ou deixando-os apodrecer num cárcere, consumidos de miséria.

Em Le Mans, na França, São Liborio, bispo e confessor.

Em Roma, Santa Rômula, Santa Redenta e Santa Herundina, virgens, de quem fala em suas obras o papa São Gregório.

Na diocese de Séez, na França, São Raveno, martirizado com seu irmão São Rasifo, cujos corpos se veneram em Bayeux.

Em Cimiez, nas fronteiras da Provença e de Mônaco, São Valeriano, bispo, que compôs muitas homilias.

Em Arles, o bem-aventurado Rostaing, segundo deste nome, arcebispo daquela cidade, ilustre por sua humildade e caridade para com os pobres.

No Egito, São Versanufo , martirizado com outros dois.

Em Roma, o falecimento de Santa Brígida da Suécia, viúva, autora do livro das revelações.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, fidelium remunerator animarum, qui hunc diem beati Apollinaris, sacerdotis tui, martyrio consecrasti: tribue nobis, quæsumus, famulis tuis, ut, cujus venerandam celebramus festivitatem, precibus ejus indulgentiam consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, remunerador das almas fiéis, que consagrastes este dia com o martírio de vosso sacerdote, o bem-aventurado Apolinário: suplicamo-vos que concedais a nós, vossos

humildes servos, o perdão de nossos pecados pelos rogos daquele cuja venerável solenidade celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Pedro, capítulo 5.

1 Pedro 5,1-11

> **Latim:** [1] Seniores ergo, qui in vobis sunt, obsecro, consenior et testis Christi passionum : qui et ejus, quæ in futuro revelanda est, gloriæ communicator : [2] pascite qui in vobis est gregem Dei, providentes non coacte, sed spontanee secundum Deum : neque turpis lucri gratia, sed voluntarie : [3] neque ut dominantes in cleris, sed forma facti gregis ex animo. [4] Et cum apparuerit princeps pastorum, percipietis immarcescibilem gloriæ coronam. [5] Similiter adolescentes subditi estote senioribus. Omnes autem invicem humilitatem insinuate, quia Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam. [6] Humiliamini igitur sub potenti manu Dei, ut vos exaltet in tempore visitationis : [7] omnem sollicitudinem vestram projicientes in eum, quoniam ipsi cura est de vobis. [8] Sobrii estote, et vigilate : quia adversarius vester diabolus tamquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret : [9] cui resistite fortes in fide : scientes eamdem passionem ei quæ in mundo est vestræ fraternitati fieri. [10] Deus autem omnis gratiæ, qui vocavit nos in æternam suam gloriam in Christo Jesu, modicum passos ipse perficiet, confirmabit, solidabitque. [11] Ipsi gloria, et imperium in sæcula sæculorum. Amen.

Português: [1] ESTA he pois a rogativa que eu faço aos presbyteros, que ha entre vós, eu presbytero como elles e testemunha das penas que padeceo Christo: e que hei de ser participante d'aquella gloria, que se ha de manifestar para o futuro: [2] apascentai o rebanho de Deos que está entre vós, tendo cuidado d'elle não por força, mas espontaneamente segundo Deos: nem por amor de lucro vergonhoso, mas de boa vontade: [3] não como que quereis ter dominio sobre a cleresia, mas feitos exemplares do rebanho com huma virtude sincera. [4] E quando aparecer o Principe dos pastores, recebereis a coroa de glória, que nunca se póderá murchar. [5] Semelhantemente vós, mancebos, obedecei aos mais velhos.. E inspirai-vos todos a humildade huns aos outros, porque Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes. [6] Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão de Deos, para que elle vos exalte no tempo da sua visita: [7] remettendo para elle todas as vossas inquietações, porque elle tem cuidado de vós. [8] Sede sóbrios, e vigiai : porque o diabo vosso adversario anda ao derredor de vós, como hum leão, que ruge, buscando a quem possa tragar : [9] resisti-lhe fortes na fé: sabendo que os vossos irmãos, que estão espalhados pelo mundo, soffrem a mesma tribulação. [10] Mas o Deos de toda a graça, o que nos chamou em Jesu

Christo á sua eterna gloria, depois que tiverdes padecido hum pouco, elle vos aperfeiçoará, fortificará, e consolídará. [11] A elle gloria, e imperio por seculos de seculos : Amen.

Nota

«Estava São Pedro em Roma, em companhia de seu querido discípulo São Marcos, quando escreveu esta carta, que é a primeira das sete canônicas, chamadas assim porque contêm regras muito importantes para o governo dos costumes e muito proveitosas instruções nas matérias de fé. A palavra grega *cânon* significa o mesmo que regra. Também se chamam católicas, como se disséssemos circulares, porque, não se dirigindo a nenhuma igreja em particular, eram comuns a todas.»

Reflexões

Humilhai-vos debaixo da poderosa mão de Deus, porque resiste aos soberbos e dá a graça aos humildes. Lição muito importante, mas que devera ser pouco necessária; porque, a não ter perdido o homem inteiramente a razão, quem não vê que não há virtude mais natural nem mais própria de nossa miséria que a humildade? Todas as coisas no-la estão pregando: ignorância, fraqueza, enfermidades, indigência, paixões, brevidade da vida, idade, caducidade e sepultura. Mas quão pouco nos aproveitamos destas lições! Bem podemos ser humilhados; mas estamos distantes de ser humildes. Não há que pensar que o orgulho habita somente nos palácios dos grandes; muito de ordinário reina com maior insolência nas casas dos plebeus. É verdade que a profanidade o fomenta; mas não sabe acomodar-se menos com exterioridades modestas. Havia-se refugiado nos claustros a humildade, crendo encontrar neles seguro asilo; seguiu-a o orgulho muito de perto, e pode-se dizer que não há condição, idade nem estado onde a humildade esteja a coberto. Na verdade, os homens de extraordinário mérito estão menos expostos ao orgulho, ou ao menos são mais capazes de conhecer a baixeza desta paixão. Um bom entendimento não se deixa facilmente deslumbrar por fogos-fátuos, descobrindo-lhe sua mesma penetração o muito que lhe falta; mas um entendimento curto, como quase não sai de si mesmo, nem suas luzes alcançam nunca mais além de sua limitada esfera, tudo quanto descobre nos demais lhe parece comum, e tudo o que vê em si julga extraordinário. Daqui nasce que se acham tantos orgulhosos, porque são muito raras as grandes capacidades. *Ai de vós*, diz o Profeta, *os que sois sábios a vossos olhos.* Contudo, são muito poucos os que se isentam deste vício. Nem ainda os que mais gritam e melhor escrevem contra esta paixão costumam ser os que estão mais inimistados com ela. Coisa estranha! Não poucas vezes se declama por orgulho contra o orgulho mesmo. Estende-se este veneno até àquilo mesmo que devera servir-lhe de antídoto; ainda na mesma humilhação costuma às vezes esconder-se o orgulho. Mas que funestos efeitos não costumam seguir-se dele! Quantas paixões dormiriam profundamente se o orgulho não as despertasse! Quantas famílias viveriam hoje numa perfeita união, conservando seu esplendor antigo, se o orgulho não houvesse soprado o fogo da discórdia! São poucas as paixões que não devam a este o mais vivo e o mais amargo que têm. O

orgulho comunica à cólera seu inchaço e sua ferocidade; à inveja sua malignidade e sua desconfiança; ao ódio aquela chama voraz que causa incêndios tão funestos; ao orgulho deve a lascívia suas inquietações e seus desassossegos; e de que outro princípio nascem quase todos os nossos dissabores, amarguras e pesadumes? O orgulho, diz o Espírito Santo, mina as casas mais florescentes; é um vento que tudo murcha, tudo abrasa e tudo consome. Não há árvore tão frondosa que não se seque, uma vez que este verme chegue a roer-lhe a raiz. É o orgulho como a alma de todas as paixões e o manancial de todos os males. A um bom entendimento nenhuma coisa deve humilhar mais que o mesmo orgulho.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 22 de São Lucas.

Lucas 22,24-30

> **Latim:** 24 Facta est autem et contentio inter eos, quis eorum videretur esse major. 25 Dixit autem eis : Reges gentium dominantur eorum : et qui potestatem habent super eos, benefici vocantur. 26 Vos autem non sic : sed qui major est in vobis, fiat sicut minor : et qui præcessor est, sicut ministrator. 27 Nam quis major est, qui recumbit, an qui ministrat ? nonne qui recumbit ? Ego autem in medio vestrum sum, sicut qui ministrat : 28 vos autem estis, qui permansistis mecum in tentationibus meis. 29 Et ego dispono vobis sicut disposuit mihi Pater meus regnum, 30 ut edatis et bibatis super mensam meam in regno meo, et sedeatis super thronos judicantes duodecim tribus Israël.

Português: 24 E excitou-se tambem entr’elles a questão, sobre qual d’elles se devia reputar o maior. 25 Porém Jesus lhes disse: Os reis dos Gentios dominão sobr’elles: e os que tem sobr’elles authoridade, chama-não-se bemfeiteiros. 26 Não ha de ser porém assim entre vós-outros: mas o que entre vós he o maior, faça-se como o mais pequeno: e o que governa, seja como o que serve. 27 Porque qual he maior, o que está sentado á meza, ou o que serve? não he maior o que está sentado á meza? Pois eu estou no meio de vós-outros, assim como o que serve: 28 mas vós-outros sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações: 29 e por isso eu preparo o reino para vós-outros, como meu pai o tem preparado para mim, 30 para que comais, e bebais á minha meza no meu reino: e vos senteis sobre thrones, para julgar as doze tribus d’Israel.

Meditação

A humildade de Jesus Cristo deve ser o modelo e a medida da nossa

Primeiro ponto

Considera o que diz São Paulo[^n231]: que aos que Deus previu com sua presciência, predestinou-os para que fossem conformes à imagem de seu Filho. Este é o modelo cabal dos eleitos. Parecer-se com qualquer outro retrato e ser dessemelhante a este é sinal de reprovação. Todos admiramos a profunda humildade do Salvador; mas somos todos humildes? Serve Jesus Cristo à mesa seus discípulos; pode caber mais humildade? Ainda passa mais adiante a deste divino Mestre: prostra-se aos pés de todos, e até aos do mesmo Judas; corrige a néscia vaidade dos que o seguem, menos com suas palavras que com seu exemplo; parece-lhe que não lhes deve dar outra lição. Por este divino modelo aplicaram-se todos os santos a regrar suas máximas e sua conduta. Este exemplo foi o que inspirou tão baixo conceito de si aos maiores homens logo que seriamente pensaram em salvar-se. Enquanto não perderam de vista este grande exemplo, os príncipes mais poderosos se puseram a nível com seus mais humildes vassalos. Aqueles grandes monarcas, cujo poder e cujo valor fazia tremer seus vizinhos, julgaram-se muito honrados prostrando-se aos pés dos pobres, e nós sofremos com impaciência o nivelarmo-nos com nossos iguais. Cotejemos nossas orgulhosas máximas com estes grandes exemplos; comparemos esse ar fero e orgulhoso, essa altaneria, essa desmedida ânsia de sobrepor-nos, esses inquietos e turbulentos desejos de sobressair, essa néscia vaidade que quase é nosso distintivo e nosso caráter; comparemos tudo isto com nosso divino modelo; não é preciso mais lição, mais discursos nem mais razões para confundir-nos; mas que destino podemos esperar se, ao mesmo tempo que nos confundimos e nos envergonhamos de nossa vaidade, nem por isso deixamos de ser orgulhosos?

[^n231]: Rm 8.

Segundo ponto

Considera que, se é sinal visível e seguro de reprovação o não sermos conformes à imagem de Jesus Cristo, em que se pode fundar nossa confiança? Porque ao fim todos esperamos ser do número dos eleitos de Deus, e todos queremos sê-lo. Pois com que olhos olharemos nosso divino modelo no estado de seus contínuos abatimentos? Como temos valor para olhar a Cristo posto aos pés de Judas ou cravado numa cruz, estando nosso coração cheio de orgulho e perpetuamente carcomido de uma ambição desmesurada? Não há fortuna que nos contente, não há emprego que não nos pareça baixo havendo outro mais alto. Por humilde que seja o nascimento, por abatido que seja o estado, por limitados que sejam os talentos, por imaginário que seja nosso pretendido mérito, não há forma de curar este inchaço. Prostremo-nos muitas vezes ao dia aos pés do crucifixo; considerem-se com tranquilidade as ruínas desses suntuosos edifícios; contemplem-se as relíquias tristes desses avultados colossos; olhem-se com reflexão as cinzas de tantos reis, misturadas e confundidas na sepultura com as dos homens mais vis; e nem por isso deixamos de ser orgulhosos. Na verdade, se o exemplo de um Deus humilhado faz tão pouca impressão nos que se dizem discípulos seus, que coisa será capaz de fazer-nos humildes? Mas se não o somos com todos estes exemplos, nem com todos estes modelos, seremos retratos muito parecidos ao divino original? Estás atestado de vaidade, amassado em orgulho, cheio de própria estima, e te glorias de ser discípulo deste celestial Mestre? E ainda talvez te lisonjearás também de ser devoto! *Cujus est*

imago hæc, et superscriptio ejus? Dir-nos-ão algum dia: de quem é este retrato e este rótulo? A que original se parece?

Confunde-me, Senhor, meu orgulho, e tudo temo à vista de minha vaidade. Mas, ó grande Deus da humildade, pois viestes ao mundo dar-nos tão belas lições e tão grandes exemplos desta virtude, dignai-vos assistir-me com vossa graça para que me aproveite de tudo. Vós me dissestes que éreis por excelência manso e humilde de coração; fazei, Senhor, que eu seja cópia viva de tão perfeito modelo e que de tal maneira traslade em mim todos os seus traços que somente com ver-me se possa conhecer que sou vosso verdadeiro discípulo.

Jaculatórias

> *Putredini dixi: pater meus es; mater mea, et soror mea, vermibus.* Jó 17.

Disse ao pó, aos vermes e à podridão: vós sois meu pai, minha mãe e meus irmãos.

> *Quid est homo, quod memor es ejus, aut filius hominis, quoniam visitas eum?* Sl 8.

Que é o homem, Senhor, para que te lembres dele, nem ainda te dignes olhá-lo?

Propósitos

1. É coisa bem estranha que, tratando todos com tanto desprezo o orgulho e os orgulhosos, haja contudo tão poucos humildes. Não podes tolerar nos outros aquele ar arrogante e altaneiro, aquele tom imperioso e dominante, aqueles homens que continuamente estão incensando-se a si mesmos; e não conheces os defeitos que todo o mundo está notando em ti nesta mesma matéria. Aplica-te a corrigi-los, não já com um desgosto interior ou com uma resolução ineficaz como até aqui, mas com uma emenda real e efetiva. Nunca ponhas os olhos em algum crucifixo sem considerar as repreensões que te está dando com seu exemplo. Pergunta-te muitas vezes a ti mesmo se te pareces com aquela imagem, pois ao fim é teu modelo; e lembra-te de que na hora da morte ta hão de pôr diante dos olhos para que consideres se és semelhante a ela.

2. Desde hoje mesmo hás de dar princípio a corrigir esse ar altivo e colérico que te faz insuportável e odioso a todos os demais e que a ti mesmo te parece tão mal nos outros. Seja teu modo apacível, cortês, afável, grato; a dureza, a inflexibilidade e a aspereza sempre são filhas do orgulho. Não sejas delicado em pontinhos de honra, e muito menos em desejar preferências; se fores virtuoso e respeitável, qualquer lugar que ocupes será o mais digno, porque tu mesmo o autorizarás. Sê

cortês com todo o mundo. Quanto mais te elevar sobre os outros teu nascimento, tua classe e tua antiguidade, mais te acreditarás digno de ser respeitado se a todos honras e os enches de atenções. A grosseria e a rusticidade são próprias de gente ordinária e de entendimentos vulgares. Honra muito os pobres e fala-lhes sempre com respeito, lembrando-te de que em sua pessoa honras ao mesmo Jesus Cristo. A teus criados trata-os com agrado e com doçura; o modo áspero e desabrido é sinal de coração duro e soberbo. Se hoje te consideras superior a eles, na hora da morte mudará a cena. Quantos criados se salvarão, e seus amos serão eternamente condenados!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:37 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:38 by Admin